

O uso da Ayahuasca e a experiência de alívio, transformação e cura na União do Vegetal (UDV)

Gabriela Santos Ricciardi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RICCIARDI, GS. O uso da Ayahuasca e a experiência de alívio, transformação e cura na União Vegetal (UDV). In: NERY FILHO, A., *et al.* orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 37-60. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978-85-232-0882-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O uso da Ayahuasca e a experiência de alívio, transformação e cura na União do Vegetal (UDV)

Gabriela Santos Ricciardi¹

Introdução

A cura religiosa é um tema que tem sido bastante abordado pelas Ciências Sociais, principalmente, em virtude de relatos de adeptos de diversas religiões e seitas envolvendo a cura. A cura não médica precisa ser estudada pela ciência, a fim de que se possa ter um panorama mais completo sobre as questões que envolvem doença, saúde, aflição e alívio e sobre a maneira como os indivíduos interagem com os seus problemas, buscando diversos tipos de tratamento.

Cada doença é única porque cada doente é único. A doença ou aflição acontece por diferentes histórias e pelas circunstâncias correntes. Para Hahn, estar doente é: a) ter alguma coisa errada consigo próprio; b) experimentar uma desagradável disfunção no corpo; c) passar por alterações de regras sociais e causas e está relacionado com diferentes fatores, como a biografia do indivíduo, a posição cultural e os seus relacionamentos, influenciados pelos sistemas de crenças culturais; e d) ter uma disfunção que pode ser biológica, psicológica, social e cultural e que, às vezes, é considerada espiritual. “Biologicamente, psicologicamente nós não somos tão diferentes uns dos outros, historicamente, como narrativas, cada um de nós é único”² (1995, p. 9).

Rabelo & Alves (1999) acreditam que, para a Antropologia, a enfermidade não é, apenas, uma entidade biológica que deva ser tratada como coisa; é uma experiência que se constitui e adquire sentido na interação entre indivíduos, grupos e instituições; uma sensação de mal-estar, uma expressão de aflição, uma sensação de que algo não vai bem, e, na busca de excluir ou minimizar o desconforto causado por essas disfunções, os pacientes buscam diversos tipos de tratamento.

O presente artigo visa demonstrar a busca de alguns indivíduos pela cura, alívio ou transformação, através de uma religião de nome União do Vegetal (UDV): Por que eles se dizem curados, aliviados e transformados? Como eles se sentiam antes e como se sentem agora? O que os levou a se sentirem melhor? Assim, não visa, apenas, abordar as experiências de enfermidades ou doenças de ordem física, mas, também e principalmente, as aflições e angústias pertinentes ao ser humano, as chamadas “doenças da alma”.

Durante as entrevistas, muitos informantes declararam que conviviam com um vazio existencial, uma espécie de angústia ou aflição que tentavam suprir de diversas formas, inclusive, através do uso de bebidas alcoólicas e “drogas”. Outros afirmaram que estavam cheios de mágoas, ressentimentos e “traumas”. Alguns se sentiam desencantados com a vida, com as pessoas, outros tinham problemas de ordem familiar... Enfim, diversas são as razões que fazem o indivíduo buscar uma religião para minimizar o desconforto que sente, seja ele de origem física, psicológica, sociocultural ou espiritual. Mas o que faz com que ele se sinta melhor?

Este artigo é baseado em uma pesquisa realizada em 2007, para a Dissertação de Mestrado da Universidade Federal da Bahia (UFBa), e está centrado em uma religião de nome União do Vegetal, em uma das suas unidades administrativas: o Nú-

cleo Estrela da Manhã, localizado em Abrantes, Região Metropolitana de Salvador (RMS), município de Camaçari, no Estado da Bahia, que foi inaugurado em 1 de maio de 2003, com cerca de 60 sócios e hoje soma, aproximadamente, 180 pessoas. É a mais nova unidade administrativa da RMS. O grupo é eclético contendo pessoas de ambos os sexos, de idades e profissões variadas e de diversos graus de escolaridade.

O procedimento metodológico principal utilizado para a realização da pesquisa foi a observação participante, que consiste em “conviver com um grupo e observá-lo aprendendo a ver o mundo através de seus olhos, mantendo, simultaneamente, a perspectiva objetiva do cientista social” (HELMAN, 1994, p. 25-26) e visa o estabelecimento de relações pessoais com o sujeito, através da participação direta na sua vida cotidiana e no seu meio ambiente cultural, dando atenção aos comportamentos e relações e examinando o contexto das verbalizações.

O procedimento secundário foi a realização de entrevistas semi-abertas gravadas (com a devida autorização do entrevistado) com alguns membros do grupo. O material produzido por esse tipo de entrevista tende a ser denso e profundo e permite a captação do universo afetivo-existencial do sujeito, como, por exemplo, atitudes corporais, gestos e fisionomias. Rabelo & Alves destacam a importância dos processos discursivos para a análise antropológica ao afirmarem que “o estudo dos processos discursivos pelos quais os indivíduos constroem e expressam a aflição constitui [...] um recurso importante para a análise antropológica da enfermidade” (1999, p. 174).

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal foi oficialmente fundado em 22 de julho de 1961, por José Gabriel da Costa (Mestre Gabriel), na Amazônia, em região próxima à fron-

teira entre o Brasil e a Bolívia. Aos 21 anos, José Gabriel fez parte do chamado “exército da borracha” e foi recrutado para trabalhar nos seringais, em Rondônia, onde, anos mais tarde, teve contato com o “chá” (Ayahuasca) que já era largamente utilizado pelos índios e seringueiros daquela região (Amazônia Ocidental) e estava diretamente ligado à práxis xamânica.

O processo de expansão e estruturação da religião se deu em Porto Velho, a partir de 1961. A doutrina e os ensinamentos foram transmitidos para um grupo, que veio a ser denominado de os “Mestres da Recordação”, que, após a morte do Mestre Gabriel, foi o grande responsável pela expansão da religião, perpetuando os seus ensinamentos. A doutrina tem como base o Cristianismo, mas possui elementos de outras culturas como a indígena e africana, aproximando-se do Espiritismo, uma vez que tem a reencarnação como um dos seus pilares. A UDV se volta para a doutrinação do espírito encarnado, não realizando incorporações nem distribuição de passes.

O chá consumido nos rituais, Ayahuasca, é denominado “vegetal” ou “hoasca” pelos adeptos e é a associação de um cipó denominado “mariri” (*Banisteriopsis caapi*), com as folhas de um arbusto conhecido como “chacrona” (*Psychotria viridis*), plantas nativas da Região Amazônica. O efeito provocado pelo chá é denominado “burracheira” e o ritual é chamado de “sessão”. Existem “sessões de escala”, “sessões de escala anual”, “sessões extras”, “sessões de casais”, “sessões instrutivas”, etc.

Os discípulos recebem os ensinamentos e alcançam crescimento hierárquico, gradativamente, à medida que se mostram em sintonia com a doutrina, existindo quatro categorias de discípulos: o “quadro de mestres”, o “corpo do conselho”, os discípulos do “corpo instrutivo” e o “quadro de sócios”, além dos “adventícios”, que são as pessoas que bebem o vegetal pela primeira vez. Nas sessões, os discípulos usam uniformes que distin-

guem os graus hierárquicos. A manutenção do Centro é feita pelos próprios sócios através do pagamento de mensalidades e da realização de mutirões.

Inicialmente concentrada na Região Norte do país, a União do Vegetal existe, hoje, em, praticamente, todo o Brasil, e em alguns países, como EUA e Espanha. Estima-se que, atualmente, cerca de mil pessoas façam uso do chá, na Bahia. Esse é um número considerado expressivo, em se tratando de uma religião que existe há apenas 46 anos e que sofreu dificuldades judiciais e preconceito por uma parte da sociedade que considerava o chá como sendo “uma droga alucinógena”.

O termo alucinógeno tem sido amplamente questionado pelos ayahuasqueiros de diversas religiões porque desqualifica as experiências produzidas nas pessoas, além de possuir um caráter depreciativo. MacRae (1992) considera o termo enteógeno (que significa “Deus dentro”) mais adequado, por enfatizar aspectos culturais e simbólicos, evitando um reducionismo farmacológico que desconsidera o caráter fenomenológico da experiência. Propõe, também, a terminologia psicoativo ou substância psicoativa, que indica uma substância que ativa a psique ou age sobre ela, em oposição ao termo “droga”, que é empregado como “algo que não presta”.

A classificação do chá como psicoativo decorre dos seus princípios ativos como a N-dimetiltriptamina (DMT), presente na “chacrona”. Essa substância não é ativa quando ingerida por via oral, mas pode se apresentar oralmente ativa quando na presença do inibidor periférico da monoamina oxidase (MAO) existente no mariri. Esta interação é a base da ação do efeito psicológico de “expansão da consciência” do chá, possibilitando ao indivíduo experiências extracotidianas que, segundo os usuários, em nada se aproximam de uma “alucinação”.

Embora os agentes psicodélicos atuem nos receptores cerebrais produzindo mudanças somáticas, em si, eles não determinam as características da experiência. Esses agentes abrem as portas para outras formas de percepção da realidade e, nesses espaços, cada indivíduo, imerso na sua cultura, colocaria os seus próprios conteúdos, que seriam determinantes da natureza e do significado atribuído às experiências. Para Becker (1977), o agente psicodélico é apenas um agente e a experiência é uma combinação entre os efeitos da substância, a disposição psicológica do indivíduo e as características do contexto onde a experiência acontece.

O conjunto desses fatores sociais, culturais, emocionais e psicológicos é que torna o efeito do chá uma experiência única, dotada de significado especial para os usuários, sendo essa experiência regulamentada, supervisionada e conduzida pelos mestres. Os adeptos da UDV relatam que a sensação é de total êxtase religioso, permitindo-lhes uma consciência mais clara e uma tranqüilidade interior que possibilita a transcendência.

A UDV e a cura espiritual

O tema da cura espiritual é bastante recorrente, embora não seja o foco central dessa religião. Na origem da Instituição, o seu fundador, Mestre Gabriel, realizava trabalhos de cura com plantas e ervas medicinais, o que o tornou famoso e respeitado naquela região onde a medicina científica era, praticamente, inexistente. Ele era um grande conhecedor das plantas e as utilizava em seus trabalhos, curando doenças e espantando malefícios em um culto que se aproximava do xamanismo indígena e da pajelança cabocla.

Segundo MacRae:

a ayahuasca é freqüentemente aplicada para combater males físicos e espirituais. É também através de curas atribuídas a

suas atividades xamânicas³ que os mestres ayahuasqueiros conquistam fama e consolidam influência em suas comunidades. (1992, p. 57).

Apesar de Mestre Gabriel ter realizado trabalhos de cura, não existem sessões destinadas a cura, como existe em outros grupos que fazem uso da ayahuasca, mas a UDV possui, no seu corpo doutrinário, alguns elementos que fazem alusão à cura, como: “a sessão de Cosme e Damião” (realizada todos os anos, no dia 27 de setembro), na qual o tema da cura é bastante citado; “chamadas”, que se referem a entidades espirituais de cura; e o uso de “Nove Vegetais”, que possuem propriedades curativas e era preparado juntamente com mariri e chacrona e distribuído aos sócios, em ocasiões de necessidade⁴.

O ritual

Ritual é uma cerimônia ou conjunto de cerimônias de uma religião. Victor Turner, em *Floresta de símbolos*, define ritual como sendo um comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. Ele apresenta o ritual como um conjunto de significados onde os membros de uma cultura específica devem interagir para que haja determinado tipo de coesão social.

Para Helman (1994), os rituais estão presentes em, praticamente, todas as sociedades, desde a mais “primitiva” à mais “civilizada” e é um modo de ação pelo qual os grupos reafirmam suas crenças e valores em comum.

Os rituais consistem em uma característica de todas as sociedades humanas. São uma parte importante na maneira como qualquer grupo social renova o mundo em que vive e na maneira com que lida com os perigos que ameaçam aquele mundo. (HELMAN, 1994, p. 196).

As sociedades têm necessidade de manter e revigorar, de tempos em tempos, os pensamentos e sentimentos coletivos que formam a sua personalidade, a sua unidade. Durkheim (1996) acredita que essa restauração moral só pode ser obtida por meio de assembléias, reuniões, congregações, em que os indivíduos se aproximam uns dos outros, reafirmando, conjuntamente, seus sentimentos comuns. Os rituais, portanto, são formas de expressão pelas quais os sentimentos coletivos são revividos e solidificados no interior dos indivíduos.

Essa interação se dá, principalmente, através dos símbolos, que exprimem a unidade social sobre uma forma material. Segundo Turner,

[...] um símbolo é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associação em fatos ou pensamentos. (2005, p. 49).

Um exemplo disso é o uso de uniforme, pelos adeptos da UDV, na “sessão” ou “distribuição”, maneira pela qual é denominado o seu ritual religioso. Usar o uniforme transmite para os sócios um sentimento de pertença, de solidariedade grupal, uma forma de se sentir parte de uma unidade social. Os símbolos, presentes nos rituais da sessão, como a foto do Mestre Gabriel, as chamadas, as músicas, o uniforme, a bandeira da UDV, reportam às idéias centrais da religião. Ao entrar, constantemente, em contato com esses símbolos, durante o ritual, os adeptos interiorizam seus valores, solidificando o sistema comum de crenças.

Helman (1994), também, ressalta que os rituais reafirmam, sistematicamente, valores e princípios de uma sociedade assim como o modo como seus membros devem agir, o que contribui para recriar, na mente dos participantes, uma visão coletiva do mundo, de como este funciona e de qual o sentido das coisas. Esse sistema cognitivo, comum a todos os membros de uma

cultura ou sociedade, faz com que o caos da vida e dos problemas de saúde seja compreensível e fornece um sentimento de segurança e um sentido maior para as pessoas:

O sistema cognitivo comum refere-se à visão de mundo cultural do grupo, de como seus membros percebem, interpretam e compreendem a realidade, especialmente, a presença de problemas de saúde e outros infortúnios. (HELMAN, 1994, p. 26).

Os rituais, para Frank (1974), muitas vezes, servem para aumentar as expectativas de cura do indivíduo, ajudando a harmonizar seus conflitos internos, a reintegrá-lo com seu grupo e com o mundo espiritual, fornecendo-lhe um quadro conceitual, de forma a promover a cura e tocá-lo emocionalmente.

Diante da constatação de que o ritual é um componente essencial dos sistemas populares de cura, Achterberg tem atribuído seu poder a fatores como os seguintes:

- a. As preparações e participações rituais ajudam o paciente e a comunidade a se sentirem em controle de uma situação que parecia desesperadora.
- b. As relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal é enfatizada.
- c. O drama e a estética do ritual são reconfortantes e distrativos.
- d. Certos aspectos do ritual reforçam os laços entre o paciente e o grupo do qual ele pode ter se sentido distanciado.
- e. O paciente pode sentir alívio através da crença de que a harmonia entre ele e o mundo espiritual foi estabelecida.
- f. Os rituais e símbolos servem para interpretar o significado da doença e do papel do doente em determinado contexto cultural.

g. O paciente é tocado emocionalmente pela intensidade do ritual, aumentando assim sua esperança e confiança de que algo importante está para acontecer.

h. Quando preparados psicoativos são utilizados, ou quando ocorrem estados dissociativos ou outras alterações de consciência, como parte do ritual, o poder do curador é reforçado por experiências incomuns e estas reforçam os sistemas de crença espiritual. (ACHTERBERG, 1985, p. 157).

A junção do ritual ao uso de psicoativos potencializa seus efeitos, possibilitando um reordenamento do mundo e um conseqüente reencantamento, tornando os participantes mais confortados ou conformados. Essa atitude é expressa na alegria e bem-estar observados ao término dos rituais assim como nos relatos dos adeptos que afirmam que a UDV possibilitou uma transformação positiva nas suas vidas.

É relevante a importância dos símbolos e rituais nos processos religiosos, em especial na União do Vegetal: o uso do uniforme, por exemplo, evidencia um grau de comprometimento com a instituição, que exige um tipo de comportamento compatível com aquele proposto e esperado por ela; a estrela, que os mestres trazem bordada no bolso da camisa, representa a pureza, significando que esses estão se conduzindo na direção de alcançá-la e, por isso, devem servir de exemplo para os demais e buscar inspirar confiança em administrar o uso e os efeitos do chá através da oralidade e das chamadas. O símbolo da estrela reporta a uma idéia: um comportamento equilibrado, exemplo a ser seguido.

A UDV: alívio, transformação e cura

Foram selecionadas três perguntas consideradas como principais para o presente artigo, com o objetivo de compreender,

sob a ótica dos adeptos, como acontece a experiência de transformação, alívio e cura:

- 1 - *Quais os problemas que os afligiam;*
- 2 - *Como estão se sentindo após terem freqüentado a UDV; e*
- 3 - *A que ou a quem eles atribuem a transformação.*

Essas três questões (feitas a quatro discípulos, que são aqui identificados pelas letras A, B, C e D) permitem a captação de uma parte do universo existencial dos entrevistados, evidenciando o que os afligia, buscando uma compreensão de como e de porque se sentiram melhor depois de terem freqüentado a instituição estudada. Além desses discípulos, um mestre também foi entrevistado (identificado pela letra E), a fim de se poder perceber a visão de um dos líderes da instituição sobre o tema.

1. Quais os problemas que os afligiam?

A - “Eu procurava a melhora de minha personalidade e a cura da minha dependência química das drogas”.

B - “Eu vivia buscando uma felicidade que nunca chegava. [...] Eu tinha uma relação muito difícil em casa, com meus irmãos, com meus pais, e então eu buscava ficar o tempo todo fora de casa. Eu tinha um filho e não tinha uma relação saudável de vida com ele... Não representava essa figura de ser uma mãe [...], eu tava no processo muito forte de vício de cocaína. Álcool era todos os dias. De segunda a segunda. Eu era alcoólatra”.

C - “Eu vim com um diagnóstico de câncer de próstata que eu descobri [...] aí eu tive que mudar de vida radicalmente [...] e aí eu estava buscando me curar e coisas que pudessem me auxiliar nessa cura, então enxerguei a União como uma porta, também, pra me auxiliar nessa cura”.

D - “Foi o problema que eu tinha, também, dessa busca espiritual através da droga. Porque, às vezes, tem...

como o terapeuta me explicou, às vezes, você tem essa busca através disso... disso... dessa... de ser usuário”.

A partir daí, temos, em um panorama de quatro pessoas: duas com problemas de dependência de “drogas”, em um nível que comprometia suas relações sociais e profissionais; uma, com um problema físico, o câncer de próstata; e a outra, com uma relação conflituosa com familiares, além de uso freqüente de “drogas”. Essas pessoas se diziam aflitas, ansiosas, com uma sensação de que algo lhes faltava. Sentiam um vazio existencial que procuravam preencher de diversas formas. O encontro com a religião, no caso a UDV, foi o modo que elas buscaram para minimizar ou curar seus sofrimentos procurando alívio ou cura para os respectivos problemas enfrentados.

2 -Como estão se sentindo depois de terem freqüentado a UDV?

A - “Hoje eu me sinto um homem assim que... ser verdadeiro, fazer as coisas corretas, de ter parado de usar drogas... eu me sinto uma pessoa correta assim... andando direito, uma pessoa direita na sociedade e para mim mesmo”.

B - “Assim... eu ainda procuro a felicidade, claro, mas eu sei que agora eu tô no caminho mais verdadeiro, então, o pouco que eu sou feliz, eu sei que é verdadeiro, então, eu não posso dizer que eu sou uma pessoa feliz porque eu ainda tenho alguns traumas, eu ainda tenho umas coisas que eu ainda tenho que transformar, mas eu sei que eu tô no caminho certo para isso.

No campo de sentimentos, eu considero que trouxe uma cura no campo do..., das drogas, assim, também, e no campo dos sentimentos, eu venho me curando de algumas coisas, traumas, por exemplo, então eu vi uma coisa que eu não conhecia que era trauma [...]. Aí no campo dos traumas eu não sabia, assim, que eu tinha

traumas, aí eu vi alguns traumas na burracheira e me senti curada por alguns deles, outros ainda tenho, né?” [...].

C - “Eu acho que o todo, com certeza, tem um aspecto curativo... O aspecto curativo tem, mas, também, tem uma somatória de fatores, eu penso que isso é um dos pilares, e o maior, seguramente, o maior pilar, mas, tem outras coisas... Só vou voltar para fazer uma ressalva, que uma pessoa que é fumante, uma pessoa que bebe, uma pessoa que é carnívora, ficar sem fazer isso da noite pro dia é um processo bem difícil... e aí eu que já era uma pessoa ansiosa... Se eu só parasse, como parei, da minha cabeça, e não tivesse um amparo, um apoio, então esse amparo, esse apoio essa conformação, isso tudo, essa guarnição eu tenho toda da União do Vegetal, mas é um todo, eu acredito nisso. É um todo”.

D - “[...] em vista do que eu era em relação ao que eu venho sendo é, assim, maravilhosa, tá sendo, assim, uma coisa abençoada mesmo”.

Os quatro participantes afirmam que se sentem melhor depois de terem freqüentado a UDV. Em algum nível, conseguiram obter, se não tudo, ao menos uma parte daquilo que buscavam: A acha que agora está “andando direito na sociedade”; B se diz curada de alguns traumas e afirma ter resolvido alguns dos seus conflitos internos, tendo superado seus “vícios”. C acredita que a religião proporcionou uma conformação, dando-lhe força e amparo para viabilizar atitudes que facilitaríamos a cura, como parar de comer e fazer coisas que, segundo ele, eram prejudiciais para a sua saúde, dando-lhe um suporte para enfrentar a doença e buscando meios de curá-la. D também afirma ter melhorado sua relação familiar e profissional que, segundo ele, estava quase destruída, em virtude do uso constante de “drogas”.

E, assim, muitas pessoas dizem se sentir melhor e que, através do contato com a UDV, conseguiram resolver conflitos inter-

nos, aliviando ou minimizando situações de sofrimento; declararam ter uma enorme gratidão por poderem participar das sessões e por serem sócios da UDV, principalmente, em virtude dos benefícios que afirmam receber. Os familiares mais próximos dos entrevistados, também, se dizem extremamente gratos a essa religião que possibilitou um reordenamento na vida dessas pessoas que passaram a ter atitudes mais equilibradas e menos conflituosas consigo mesmas e com os familiares.

3. A que ou a quem eles atribuem à cura, alívio ou transformação?

A - “Aos ensinamentos que a União do Vegetal passa, às pessoas, os verdadeiros amigos que eu encontrei lá, os conselheiros, os conselhos que eu recebo das pessoas de lá, da convivência mesmo na UDV”.

B - “Eu atribuo a minha transformação, primeiro, ao uso do chá, ao chá, à doutrina, que é a palavra que o mestre traz na sessão, e a mim, também, ao meu querer, que foi esse querer que eu consegui através do chá e da doutrina. Tem que ter uma força de vontade. Porque só o chá e a doutrina, se a pessoa não tiver o querer também, não resolve”.

C - “Eu acho que os dois maiores ingredientes, aí, é o chá, que tem um efeito... usar a expressão curativo, eu não sou médico nem cientista pra testar, mas sei que ele tem poderes curativos, mas, independente dos poderes curativos, ele tem um poder de transformação, e aí tem a doutrina, os ensinamentos... por que ter um câncer do jeito que eu tive não é uma coisa pequena, mas aí não ficou aquela coisa intransponível, com a União, com o Vegetal, com os ensinamentos; eu consegui entender que eu era capaz de derrotar aquele monstro e... Eu atribuo essa transformação ao vegetal e aos ensinamentos do mestre e ao meu querer, à minha força de vontade”.

D - “À UDV. Às pessoas... primeiramente, a mim mesmo, porque o chá me despertou querer melhorar. Os mestres, que dá uma atenção, que tem um cuidado, assim, com todos. Os irmãos também da UDV que dá uma força pra gente; quando a gente chega, é bem acolhido. O chá, ele desperta, ele me acalma, ele penetra no íntimo do meu sentimento e me aflora, onde eu posso me ver melhor, ver meus defeitos pra corrigir, ver com mais clareza o que é a família, o que significa ser humano, o que significa o próximo, o que significa Deus, então o chá pra mim é uma coisa maravilhosa”.

É importante observar que as transformações são atribuídas a diversos fatores, dentre os quais, três são os mais importantes: o uso do chá ou “vegetal”, a doutrina e as pessoas.

O uso do chá Ayahuasca ou “Vegetal”

Para os entrevistados, o chá “expande a consciência”, permitindo um contato com uma realidade extracotidiana, uma experiência de transcendência pela qual podem ter acesso a conteúdos até então desconhecidos. A entrevistada B declara que viu alguns traumas na “burracheira” e, a partir daí, tomou conhecimento de um conteúdo, até então desconhecido, que ela julga ter resolvido. Para D, o chá o acalma e faz aflorar sentimentos adormecidos. Um mestre da UDV diz que o chá:

E – “[...] é uma substância que expande a consciência e traz um contato com o espírito, com o interior de cada um, com a consciência.

[...] porque no momento que a gente bebe o Vegetal, e que... porque, a gente tem um mundo interior que a gente não conhece... então, cada momento desse em contato com o chá, que sente a burracheira, então, aflora um sentimento, um lugar em nosso espírito que a gente não tinha entrado em contato ainda; então, a burracheira é esse lugar de descoberta de um mundo

interior que a gente fica mais consciente de tudo que a gente precisa”.

A capacidade de se ver, de olhar para si próprio e encontrar respostas para as inquietações e indagações humanas facilita o encontro com um sentido para a vida, em especial para as doenças, aflições e angústias, e essas respostas, esse novo sentido, despertam um querer melhorar, confortam e reordenam o indivíduo na busca de praticar atos e pensamentos que o tornem mais feliz, gerando o que chamo de transformação.

O Mestre ainda observa:

E - “Essa transformação acontece porque eu sinto [...] que as pessoas encontram um sentido pra vida com relação à espiritualidade. Então isso dá pra elas uma segurança e uma confiança na vida e aí acontece a transformação, porque a União preenche um lugar na busca de cada um que chega aqui, que encontra com esse lugar e que segue nessa caminhada de evolução.

Essa transformação, eu acredito que seja pela busca que todos têm, consciente ou não, têm; e quando ele chega nesse lugar, que encontra níveis de respostas pra questões internas, então, essa transformação acontece e a pessoa passa a ter uma satisfação melhor do seu mundo interior, e com isso se sente mais tranqüila, mais confiante”.

Maria Cristina Pelaez (2002), em seu artigo “Santo Daime, transcendência e cura: interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual”, publicado no livro *O uso ritual da ayahuasca*, de Labate & Sena (2002), afirma que uma das propriedades atribuídas à Ayahuasca é a de gerar sentimentos de transcendência que possibilitariam a cura de desequilíbrios físicos, espirituais e mentais, sendo um instrumento eficaz na cura de doenças, fundamentalmente, da doença espiritual, que seria a origem real e verdadeira das doenças físicas e mentais.

A doutrina

A doutrina da UDV é cristã e reencarnacionista e crê que os problemas de saúde, de qualquer natureza, ocorrem por merecimento. A “lei do merecimento” reza que somos responsáveis pelas nossas atitudes e temos que responder por elas. As enfermidades e as aflições são respostas aos atos praticados, anteriormente, nessa ou em outra vida. Através do sofrimento e da busca por atitudes mais elevadas, pode-se almejar um merecimento melhor. “Quem planta flores colhe flores; mas quem planta espinhos vai colher espinhos”: esse é um dos eixos principais da doutrina udevista. Os sócios devem ter atenção aos sentimentos, às palavras e às ações, no sentido de direcioná-las para o bem, a fim de que possam ter um merecimento positivo, ou seja, para que possam merecer coisas boas, nessa e em outras vidas.

A doença e a aflição são um sinal de que algo não vai bem. Os que a possuem precisam ter atenção naquilo que está provocando a doença: sentimentos mal resolvidos, frustrações, traumas, vícios, falta de cuidado com a própria saúde são causas atribuídas às enfermidades e que podem desencadear problemas, às vezes, irreversíveis, em uma encarnação. As doenças e aflições estão, dessa forma, vinculadas a atitudes, pensamentos e sentimentos considerados negativos, de forma que é necessária a transformação desse modo de ser, agir, pensar e sentir para que os indivíduos se tornem merecedores de coisas agradáveis e positivas.

A doença é vista, pela UDV, como algo pelo qual o indivíduo tem que passar, precisa sofrer, para aprender alguma coisa que o faça progredir no caminho da evolução espiritual. Pode, também, acontecer em virtude da desobediência humana, de forma que aqueles que não respeitam seus próprios limites estão sujeitos a contraí-las. Sentimentos negativos como ódio, raiva,

mágoa, trauma, ressentimento, rancor, também podem ser o cenário ideal para o aparecimento de aflições e doenças. Daí a necessidade de “limpar o coração” desse tipo de sentimento, a fim de evitar problemas posteriores.

Esse sistema de crenças é compartilhado e reafirmado na maioria das “sessões” em que se trata do assunto doença - saúde. A ação, dessa forma, se orienta para a prática do bem para consigo mesmo e para com o próximo, no sentido de desenvolver valores como o amor, a paz, alegria, solidariedade, simplicidade, união, autocontrole e o domínio dos instintos negativos como ódio, raiva, rancor, inveja, vaidade, orgulho, ciúme, etc.

Um Mestre da UDV acredita que:

E - “Embora a União não se proponha ou se intitule como um lugar de cura, de uma forma específica, mas, convivendo na União, conhecendo a irmandade, eu posso dizer que... que é um lugar que cura as aflições, cura as dores do espírito, a angústia, o medo, a insegurança e, também acontece, dentro do merecimento, acontecem cura da matéria mesmo, e aí vai de acordo com o merecimento de cada um que puder receber essa graça de Deus”.

As pessoas: relação e ação comunitária

Quando se referem às pessoas, os associados falam na solidariedade do grupo. Ao compartilhar o sistema de crenças e valores comuns, os indivíduos passam a se sentir parte integrante do grupo, o que os faz orientar suas ações no sentido comunitário. O Quadro de Mestres e o Corpo do Conselho a direção das unidades administrativas - devem ter atitudes compatíveis com os respectivos graus hierárquicos que ocupam na instituição: essas atitudes são observadas e servem de exemplo para os demais que, de forma geral, se enquadram no tipo de comportamento esperado.

O papel desempenhado pelos mestres é bem exemplificado na concepção de Helman (1994), porque os líderes religiosos atuam como integradores da sociedade, reafirmando seus valores e funcionando como poderosos agentes de controle e coesão social, podendo punir, socialmente, os comportamentos desviantes, além de deverem ser exemplos de conduta a ser seguida, orientando o “agir em comunidade”.

O comportamento esperado é o de equilíbrio, solidariedade, amor por si mesmo e pelo semelhante, e nisso estão implícitas outras atitudes, como não usar “drogas”, que, segundo a doutrina, dificultam a evolução espiritual; ter uma boa convivência familiar; cuidar da saúde, tendo hábitos de vida saudáveis; sentir-se feliz e de bem consigo mesmo; livrar-se de sentimentos negativos, etc. Os novos associados vão percebendo o modo de agir do grupo e passam a orientar as suas atitudes no sentido de agir de acordo com o comportamento de outros indivíduos que dele fazem parte.

A idéia do agir em comunidade foi bem desenvolvida por Max Weber (1991) para quem isso acontece todas as vezes que a ação humana se refere, de maneira subjetivamente provida de sentido, ao comportamento de outros homens. Um elemento importante e normal é a sua orientação carregada de expectativa em relação a um determinado comportamento por parte dos outros e às possibilidades calculadas (subjetivamente) para o êxito da própria ação. O agir em comunidade é praticado por indivíduos, com relação ao comportamento de outros indivíduos, podendo ser comportamentos reais ou pensados como, potencialmente, possíveis. No caso da UDV, os associados mais recentes orientam a sua ação de acordo com a expectativa do grupo, como se se espelhassem naqueles que o freqüentam há mais tempo ou estão “em situação melhor”.

A - “Eu tive, assim, algumas pessoas que eu conheci lá de dentro da União do Vegetal, que já tinha passado problemas de drogas, com álcool - inclusive tem alguns no quadro de mestres; aí, com essas pessoas, eu, assim... tipo um espelho, assim, me espelhei. Um exemplo dessas pessoas, assim, que poderia servir para mim”.

A relação comunitária acontece quando as atitudes ou ações repousam no sentimento subjetivo dos participantes de pertencerem (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo (WEBER, 1991), o que enfatiza e fortalece a solidariedade grupal, gerando um ciclo que estimula as relações sociais entre os adeptos, possibilitando o desencadeamento de redes sociais que, por sua vez, auxiliam, também, a reforçar a solidariedade grupal.

O fato de a religião servir como fator de agrupamento e coesão social permite aos sócios experimentarem o sentimento de pertença, o compartilhamento de crenças e valores comuns, reafirmado e vivificado nos rituais nos quais as relações dentro da comunidade são reforçadas e a solidariedade grupal, enfatizada. Muitos autores têm evidenciado que a vinculação do indivíduo a uma comunidade possibilita um reordenamento, que facilita e viabiliza as experiências de cura, alívio e transformação. Para Espinheira:

Missas, sessões e outras expressões rituais são orientadas para a cura de doenças e desvios de conduta, a exemplo do alcoolismo, tabagismo ou consumo de outras drogas, no catolicismo, no pentecostalismo, no candomblé, na umbanda, no espiritismo e em outras religiões e cultos praticados no país. Mas, para além dessa articulação como cliente, uma vinculação como adepto numa comunidade religiosa e a adoção de uma identidade religiosa daí decorrente contribuem para um novo ordenamento do indivíduo em virtude de novas significações das relações que se estabelece com o seu contexto social. (2005, p. 26).

Considerações Finais

A experiência de fazer uso de uma substância psicoativa em um contexto religioso é algo subjetivo e, por ser subjetivo, torna-se difícil de ser objetivado pela ciência. Mas a observação e o olhar científico nos permitem compreender, ao menos, uma pequena parte de como as pessoas concebem seus próprios problemas e quais os meios que buscam para resolvê-los.

Através dos relatos, torna-se evidente que a UDV proporciona a cura, alívio ou transformação, embora não se defina como uma religião de cura. Os mestres não se dizem capazes de realizar tal proeza, como seu fundador, o Mestre Gabriel, fazia. Embora os mestres tenham um importante papel de condução para o agir em comunidade, reforçando a solidariedade grupal e a coesão social, não são os únicos considerados responsáveis pela experiência de alívio, cura e transformação. Isso se deve a um conjunto de fatores presente nos rituais, mas não se limita a ele; é algo que extrapola os limites de tempo e espaço do ritual. Nisso está o querer de cada um de se sentir melhor, o uso de uma substância psicoativa, que permite vislumbrar o contato com o sagrado e consigo mesmo, e uma doutrina que orienta a ação no sentido de reestruturá-la de forma que os adeptos identifiquem seus conflitos e dificuldades e se empenhem em resolvê-los, para que possam se sentir melhor em todos os níveis.

Os indicadores dessas transformações são notáveis para o pesquisador, para o próprio ser transformado e, principalmente, para os familiares. Resolvendo problemas individuais, as pessoas se sentem em harmonia com a família, com o trabalho e com a vida social, o que gera um sentimento de que a ordem foi estabelecida, ou restabelecida.

E - “O que eu posso dizer é que nesses anos que eu tenho de experiência na UDV, estou inteirando agora 21 anos no Quadro de Mestres, eu tenho visto muitos

processos de pessoas que têm chegado em situações muito difíceis, já sem esperança no amanhã e, de repente, se encontra com o vegetal, com a União, e há um renascimento, um renascimento pra vida, pra si mesmo; e, com isso, muitas famílias se reconstituem, muitos indivíduos se equilibram, conseguem se reestruturar, se reintegrar na sociedade e isso é uma coisa que gratifica muito a gente que tá na União e que vê esse caminho de salvação. Que as pessoas que vão entrando vão descobrindo um modo de ser feliz na vida”.

Notas

- ¹ Graduada em Ciências Econômicas pela UCSAL. Mestra em Ciências Sociais. Doutouranda em Ciências Sociais na UFBA.
- ² Tradução livre da autora.
- ³ Um breve esclarecimento se faz necessário: O M. Gabriel, apesar de ter realizado trabalhos de cura, não é, nem nunca foi considerado um xamã pelos adeptos da UDV.
- ⁴ Atualmente, a “Sede Geral” da UDV orienta as Unidades Administrativas que preparem e distribuam o “vegetal” apenas com mariri e chacrona, sem outras associações.

Referências

- ACHTERBERG, J. **Imagery in healing-shamanism and modern medicine**. Boston/London: Shambala, 1985.
- BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**: consciência, poder e efeito da droga. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Oasca: fundamentos e objetivos**. Brasília, 1989.
- CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Consolidação das leis**: versão para Quadro de Sócios e Corpo Instrutivo, 2003.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália: Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- ESPINHEIRA, Gey. **Os limites do indivíduo:** mal-estar na racionalidade: os limites do indivíduo na medicina e na religião. Salvador: Fundação Pedro Calmon; Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, 2005.
- FRANK, J. **Persuasion and healing.** Baltimore/Londres: Johns Hopkins University, 1985.
- HAHN, Robert A. **Sickness and healing and antropological perspective.** New Haven: Yale University Press, 1995.
- HELMAN, Cecil. G. **Cultura, saúde e doença.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.
- LABATE, Beatriz Caiuby; SENA, Araújo Wladimir (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- MACRAE, Edward. A metodologia qualitativa na pesquisa sobre o uso de psicoativos. In: _____. **Entre riscos e danos:** uma nova estratégia ao uso de drogas. Cooperação Brasil - União Européia, 2002.
- MACRAE, Edward. **Guiado pela lua:** xamanismo e uso da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora?, 1992.
- PELAEZ, Maria Cristina. Santo Daime, transcendência e cura: interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual. In: LABATE, Beatriz Caiuby; SENA, Araújo Wladimir (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César B. Significação e metáforas na experiência da enfermidade. In: _____. **Experiência de doença e narrativa.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

RABELO, Miriam Cristina; ALVES, Paulo César B; SOUZA, Iara Maria. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SAPIR, Edward. Symbols. In: SELIGMAN, Edwin R. A. **Encyclopaedia of the social science**. New York: Macmillan, 1934.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual ndembu**. Tradução Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

TURNER, Victor. **The ritual process**. Harmondsworth: Pequin, 1974.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Tradução Augustin Wernet. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. v. 1.